

A ideia é nossa!

Yara Monteiro, Maribel Sobreira, Boris Groys, Luísa
Semedo, André Godinho, Filipe Sambado, Susana
Mendes Silva, António Guerreiro, João Constâncio,
Catarina Pombo Nabais, Yves Michaud, Nuno Fonseca,
Beátrice Joyeux-Prunel, Peter Trawny...

Org. André Barata, André e. Teodósio,

José Maria Vieira Mendes

3. Artes plásticas e filosofia

COM SUSANA MENDES SILVA (ARTISTA)
E ANTÓNIO GUERREIRO (FILÓSOFO)¹

António Guerreiro — Começo por dizer que esta *performance* da Susana nos deixa a todos muito nervosos. Tão nervosos que só nos apetece dizer «pára, stop it, arrête». Suponho que é precisamente a esse nervosismo que ela nos quer submeter, realizando um exercício sádico em relação aos espectadores. Parece uma coisa muito simples, um gesto repetitivo muito simples, mas que se torna muito complicado. No primeiro momento, o que vemos é a Susana a escrever uma frase e toda a nossa atenção está virada para o significado daquela frase, o que nela está escrito, o que ela comunica. Num segundo momento, isto é, quando ela reescreve a frase, por cima da anterior, fazendo exatamente o mesmo percurso com o lápis, passamos para outro nível de significação e pensamos: a Susana quer sublinhar a frase que escreveu antes. Mas, depois, na terceira repetição, já não se trata de sublinhar, começa outra coisa completamente diferente: o gesto torna-se compulsivo, obsessivo, e aí a nossa atenção deixa de estar voltada para o que a frase significa e passa, pura e simplesmente, a incidir sobre o gesto repetitivo, ou seja, já não importa o que o gesto realiza, o que há de transitivo no ato de escrever, já que o que se impõe, pura e simplesmente, é o meio, a pura medialidade, que é o gesto da mão que escreve. Até que somos atraídos não para o significado da frase, que era o primeiro momento, não para o puro gesto, que era o segundo momento, mas para um terceiro momento, final, em que o que temos à nossa frente é a materialidade do papel e do carvão. E assim tudo se torna opaco. No início há um princípio de transparência, isto é, de transitividade da frase, para depois chegarmos ao momento da opacidade total. Não vou continuar a falar sozinho. A Susana está aqui para falar da sua *performance* e para falar comigo. Mas podemos iniciar a conversa precisamente a partir destes tópicos que acabei de formular.

¹ Esta conversa teve lugar após a *performance Ritual*, executada por Susana Mendes Silva e assim descrita pela artista: «Em psicologia, o termo ritual refere-se a uma ação específica ou série de ações que não têm uma razão ou objetivo aparente. Na performance, a frase [*My obsession leads to compulsion*] é escrita repetidamente até a sua leitura se tornar impossível.»

Susana Mendes Silva — Olá, boa tarde, e obrigada por terem vindo. António, se calhar, fazia-te outra proposta: tens alguma curiosidade que queiras ver satisfeita?

António Guerreiro — Tenho. E aliás gosto bastante deste desafio porque, digamos, a minha entrada tem já uma preocupação de elaboração analítica e interpretativa que, se calhar, não se justificava à partida. A primeira curiosidade limita-se a uma coisa banal: começaste por escrever a palavra «*leads*» de uma maneira errada e deitaste o papel fora... Eu pergunto se esse engano foi voluntário.

Susana Mendes Silva — Não, enganei-me mesmo.

António Guerreiro — Está satisfeita essa minha primeira curiosidade. Segunda curiosidade: Como é que esta questão do gesto, do comportamento obsessivo e compulsivo se tornou um tema para o teu trabalho?

Susana Mendes Silva — Foi à volta de 2006 que comecei a trabalhar mais seriamente com estas temáticas. Interessou-me muito pesquisar em torno de todas as afecções psicológicas que não implicavam a perda da consciência de si — e que são quase todas as que nós conhecemos. Muitas são derivadas da «histeria», diagnóstico atribuído quase exclusivamente a mulheres e que, em meados do século XX, se transformaram em outras coisas. Excluo a esquizofrenia, porque um esquizofrénico pode perder a consciência de si e assumir outras *personas* e personagens, conhecidas ou desconhecidas, ou seja, o Diabo ou a Madonna. Interessou-me esta questão dos rituais obsessivo-compulsivos porque esses rituais têm um lado muito performativo. O problema está quando se intrometem no quotidiano das nossas vidas. Quando é uma coisa mais ligeira, servem como muletas. «Se eu estender a roupa com as molas todas da mesma cor, vai correr tudo bem»; «se eu fechar os cortinados àquela hora, vai correr tudo bem». Mas também podem toldar-nos completamente os movimentos. Por exemplo, saio de casa para ir para a escola, mas lembro-me de que, se calhar, não desliguei a chaleira e volto a casa e verifico que a chaleira está desligada. Saio outra vez e repito a mesma coisa, etc. Às vezes, as pessoas não conseguem fazer nada das suas vidas a não ser «performar» estes rituais que lhes comem a vida. E achei isso interessante. Mas olho para esta *performance* não tanto como uma escrita, mas como um desenho, como um desenho que quase se torna uma escultura, porque a certa altura começa a ter a dimensão da tridimensionalidade. E também me interessou utilizar uma coisa que tinha que ver com os castigos: a repetição.

António Guerreiro — Estás a referir-te aos castigos que se praticavam antigamente na escola, não é?

Susana Mendes Silva — Sim. Por exemplo.

António Guerreiro — Obrigiar os alunos a...

Susana Mendes Silva — episódio, a escrever, sisífica. Ou seja, rep

António Guerreiro — bem e satisfizeste o é a curiosidade de Isto é, se não soube *Ritual*, indicava-r um domínio antr acontece. O que está do lado nem

Susana Mendes Silva — fazer qualquer c terem escolhido praticam de for não sei se acaba mais, quando sinal das palavras destruir mais fazer outros g a pessoa está é codificado óbvio. Na vi

António Guerreiro — leva à comp material da estou a desc alguém que uma mater julga que significado quanto co enquanto

Susana Mendes Silva — a um logo ao c